

COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA E JOGO SOCIAL: O CASO DAS HIPERCORREÇÕES

Hosana dos Santos Silva (USP)

hosanasantos@usp.br

Partindo do pressuposto de que a morfossintaxe aprendida na escola tem estatuto estilístico e não gramatical (nos termos de Kato, 1994), discutimos, neste estudo, algumas questões relacionadas às dificuldades de alunos de ensino fundamental e médio no processo de aprendizagem da gramática da escrita. Em especial, analisamos o processo de hipercorreção na produção de relativas preposicionadas, examinando suas motivações sociais e lingüísticas. No curso da análise, desenvolvemos a hipótese de que a hipercorreção, aqui definida como aplicação equivocada de uma regra gramatical aprendida imperfeitamente (cf. Labov, 2008 [1972]), está diretamente associada a dois fatores: à dificuldade na produção da relativa convencional, possivelmente determinada pelas diferenças estruturais entre relativas preposicionadas e relativas vernaculares (cf. CORREA, 1994; SANTOS SILVA, 2007), e, paradoxalmente, ao sistema escolar. Nesse sentido, propomos que a escola, em seu trabalho permanente de correção lingüística, imposição e valorização da língua normatizada, leva o aluno a estigmatizar as variantes populares, a julgar com demasiada severidade suas próprias produções lingüísticas e a imitar as formas de maior prestígio, desencadeando a hipercorreção. Considerando a ação e a interação desses dois fatores, procuramos refletir sobre uma questão particularmente difícil: quais os limites entre competência lingüística e competência social?